

Capitalismo informacional, redes sociais e dispositivos móveis: hipóteses de articulação¹

Carla Rodrigues

Resumo: Este artigo apresenta algumas das principais características do capitalismo informacional para discutir a incorporação das exigências profissionais desse modo de produção, como a flexibilidade, a adaptação, a maleabilidade, a desterritorialização e o uso de mecanismos de controle na cultura e na vida social. Sugere que a hipérbole dessa incorporação se manifesta tanto no uso de redes sociais quanto na expansão da web para dispositivos móveis, os quais são tomados como exemplos de entrega voluntária a que Gilles Deleuze chamou de sociedade de controle.

Palavras-chave: capitalismo informacional; redes sociais; dispositivos móveis

Abstract: *Informational capitalism, social networks and mobile devices: articulation hypotheses* – This article presents some of the main characteristics of informational capitalism to discuss the incorporation of job requirements this mode of production, such as flexibility, adaptability, malleability, deterritorialization and the use of mechanisms of control in culture and in social life. It suggests that the overstatement of this incorporation is manifested in both the use of social networks and the expansion of the web to include mobile devices, which are taken as examples of voluntary surrender to what Gilles Deleuze calls a society of control.

Keywords: capitalism; social network; mobile devices

¹ Esse artigo é uma versão atualizada de trabalho apresentado no GT Comunicação e Sociabilidade, n. 19 – Encontro Nacional da Compós (PUC-Rio, 2010).

Introdução

Capitalismo informacional,² capitalismo tardio, capitalismo flexível, capitalismo pós-industrial ou novo capitalismo. Independentemente da falta de consenso sobre a denominação, a saída do modo de produção fordista se daria a partir dos anos 1970, quando começaram a ocorrer transformações que modificaram radicalmente o perfil da produção, que foi deixando de ser de bens e foi se tornando de serviços. Essas mudanças trouxeram as novas exigências por competências, como flexibilidade e capacidade de adaptação, além das mudanças na percepção da temporalidade, com a compressão espaço-tempo e o fim dos projetos empresariais de longo prazo.

Para Boltanski e Chiapello (2009), as novas tecnologias de informação e comunicação (NTICs) se transformaram em instrumentos que dão concretude a novas formas de organização do trabalho. Além disso, também possibilitaram a expansão dos valores do mundo do trabalho para a sociabilidade e a cultura. A fim de explicitar essa incorporação, este artigo discute como, nas formas de sociabilidade via redes sociais, estaria a entrega às mesmas formas de subjetivação exigidas no mundo do trabalho e como na crescente expansão do uso da *web* em dispositivos móveis se daria a realização máxima do paradigma da flexibilidade, da adesão ao “tempo real” e da introjeção de mecanismos de controle. Redes sociais e dispositivos móveis são dois importantes exemplos da incorporação, como valor, na cultura, do que já foram princípios que surgiram como exigência no mundo profissional.

Essa hipótese de articulação entre os valores do capitalismo informacional e as NTICs confirmaria a seguinte declaração de Leo Manovich (CABRAL, 2009): “Agora, a *web* é uma realidade para milhões, e a dose diária de ‘ciberespaço’ é tão grande na vida de uma pessoa que o termo não faz mais muito sentido. Nossas vidas on-line e off-line são hoje a mesma coisa”. O fim dessa possibilidade de diferenciação se daria da mesma maneira que ocorreu com o fim da distinção clássica entre vida profissional e vida privada. O que há quarenta anos eram características do mundo do trabalho oriundas de novo modo de produção hoje se incorporou como práticas pessoais, sociais e culturais. Desde Max Weber se pode pensar o capitalismo como cultura, mas cabe ressaltar que essas mudanças no modo de produção do capitalismo informacional chegam como transformações culturais associadas ao uso das NTICs.

O novo espírito do capitalismo

Em 1904, na primeira edição de *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*, Weber afirmava que a ordem econômica era “um imenso cosmos em que o indivíduo já

² Opto pelo termo capitalismo informacional a fim de marcar a estreita ligação entre esse modo de produção e as novas tecnologias de informação e comunicação.

nasce dentro e que, para ele, ao menos enquanto indivíduo, se dá como um fato, uma crosta que ele não pode alterar e dentro da qual tem que viver” (WEBER, 2004, p. 48). Ele se referia ao capitalismo moderno, que dependeria “dessa entrega de si à ‘vocação’ de ganhar dinheiro” (WEBER, 2004, p. 64) e no qual o trabalho aparece como um ideal de vida. O que Weber chamou de cosmos levaria o indivíduo a assumir para si, como modelo de conduta, as normas de ação econômica. Weber descreve o caráter utilitário da honestidade, as virtudes da pontualidade e da presteza e a valorização da acumulação de capital como traços desse cosmos do capitalismo moderno, em que a profissão aparece como vocação, e o trabalho, como um dever.

Seguindo-se a leitura de Vladimir Safatle ao clássico texto de Weber, a racionalidade econômica dependia da adoção, por parte dos sujeitos, de certos tipos de conduta, com a “internalização psíquica” dos valores da ética protestante e do adiamento dos prazeres da vida, a fim de favorecer a acumulação de capital (SAFATLE, 2008, p. 120). A incorporação desses valores se daria numa espécie de mão dupla: viria da ética protestante, do ascetismo religioso e da repulsa ao hedonismo e alimentaria, na cultura, o comportamento de indivíduos que se entregariam ao “prazer” no cumprimento do dever profissional.

Tomando de Weber essa ideia do capitalismo como ordem econômica capaz de estabelecer normas culturais e sociais, Richard Sennett (2003) identifica as ligações entre as mudanças no modo de produção e o que ele chamou de “corrosão do caráter”. Sennett mostra como o fim das rotinas burocráticas e da estabilidade no emprego e a introdução de exigências como flexibilidade e projetos de curto prazo mudaram a ética do trabalho e da sociedade. A dominação capitalista, que antes se localizava num lugar – a fábrica –, hoje se configura na mais rigorosa das exigências, a da flexibilidade.

Ser flexível tornou-se sinônimo de ser competente, de saber trabalhar “em rede”, de adaptar-se a novos projetos, a prazos curtos e, sobretudo, a condições de trabalho que estão sempre reivindicando novas competências. Ser flexível significa ainda adaptar-se às demandas de tempo, o que pode se traduzir em jornadas longas durante curtos períodos ou jornadas curtas durante longos períodos, mas também pode reivindicar do trabalhador a necessidade de estar sempre disponível, mesmo que essa disponibilidade nunca venha a se confirmar, de fato, em tarefas e em remuneração. No rastro dessas novas exigências, estaria também a remuneração flexível, a instabilidade e as consequências na vida pessoal, cuja separação da vida profissional torna-se menos nítida.

Segundo Sennett (2003), o capitalismo informacional se estabelece a partir de três principais critérios: a confiança em permanecer na desordem, a chance de prosperar em meio ao deslocamento e a necessidade de não sofrer com a fragmentação. Já de acordo com Boltanski e Chiapello (2009), as palavras de ordem do novo espírito do capitalismo seriam criatividade, reatividade e flexibilidade. O ideal de progresso na carreira é substituído pelo envolvimento em projetos, em que haveria a oportunidade de conhecer novas pessoas, aprender novas competências e assim seguir para novos projetos e contratos. A

ênfase e a repetição da palavra “novo”, que aparecem no texto de Boltanski e Chiapello (2009, p. 52), confirmariam as referências de Sennett (2006) ao que ele chama de “trabalho de curto prazo por tarefa”.

Boltanski e Chiapello (2009, p. 126) observam que a capacidade de passar de um projeto a outro, em que competências vão sendo substituídas por outras recém-adquiridas, é denominada, na literatura da gestão empresarial, “empregabilidade”, qualidade que se obtém quanto mais capaz de se adaptar e quanto mais bem relacionado se é. Com o objetivo de tornar mais atraentes as condições de trabalho, melhorar a produtividade, desenvolver a qualidade e aumentar os lucros, passam a ser evocados valores como:

[...] autonomia, espontaneidade, mobilidade, capacidade rizomática, polivalência, comunicabilidade, abertura para os outros e para as novidades, disponibilidade, criatividade, intuição visionária, sensibilidade para as [...] diferenças, capacidade de dar atenção à vivência alheia, aceitação de múltiplas experiências, atração pelo informal e busca de contatos interpessoais. (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009, p. 130)

São valores que, como se verá a seguir, podem ser experimentados pelos sujeitos, nas formas de sociabilidade oferecidas pelas redes sociais.

Redes e mundo conexcionista

Ao discutir o novo espírito do capitalismo e suas consequências, Boltanski e Chiapello (2009, p. 179) apontam para a ênfase no termo rede, que ganha conotação de “uma forma social mais eficiente e justa do que as relações formais de base criteriológica, permitindo a inserção progressiva e negociada no emprego”. Para eles, essa conotação do conceito de rede tem sido usada a fim combater concepções associadas ao antigo modo de produção. Estar em rede, ser flexível e adaptável tornam-se, assim, condições de inserção no mundo do trabalho e, sobretudo, símbolo de eficiência e de participação daquilo que os autores chamam de mundo conexcionista, expressão que denomina esse ideal de rede associado à valorização de novos paradigmas. Os autores descrevem como o termo “rede” foi amplamente utilizado como forma de crítica a tudo aquilo que se pretendia um “ponto fixo” (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009, p. 182), como Estado, família, igrejas, tradições e instituições em geral. Passaram a ser exaltados valores como mobilidade, fluidez e circulação em redes abertas, que representariam o fim das hierarquias. A crítica às hierarquias e a consequente valorização das redes se amplificariam com a expansão da informatização dos locais de trabalho, que teria concretizado a noção abstrata de rede a um grande número de profissionais e seria coerente com os valores do *novo espírito do capitalismo*. Boltanski e Chiapello (2009) recuperam a tradicional separação, feita por Weber, entre esfera doméstica e esfera profissional, fundamento da separação entre o

trabalhador e a força de trabalho que ele vende no mercado. Num mundo conexcionista, essa distinção segue uma tendência:

Num mundo conexcionista, a distinção entre vida privada e vida profissional tende a desvanecer-se sob o efeito de duas mesclas: por um lado, entre as qualidades da pessoa e as propriedades de sua força de trabalho (indissociavelmente misturadas na noção de *competência*); por outro lado, entre a posse pessoal – em primeiro plano, a posse de si mesmo – e a propriedade social, consignada na organização. Torna-se então difícil fazer a distinção entre o tempo da vida privada e o tempo da vida profissional, entre jantares com amigos e jantares de negócios, entre elos afetivos e relações úteis. (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009, p. 193)

Ao problematizar essa distinção entre vida profissional e vida privada, os autores chamam atenção para dois aspectos importantes. Primeiro, eles mostram como o capitalismo põe sob tensão a divisão entre amizade interesseira – aquela que atravessa as relações de negócios – e amizade gratuita – a dos laços afetivos autênticos. Diante dessa tensão, seria possível mercantilizar bens e serviços até então inexplorados. Estar em rede e colocar esse capital de amizades a serviço dos negócios não só passa a ser aceitável como se torna um comportamento desejável.

Um segundo ponto levantado pelos autores diz respeito à ruptura com o modo de produção fordista, no qual os seres humanos exerciam função impessoal e abstrata, mas não podiam colocar a serviço do lucro afetos, senso moral e honra. Os novos dispositivos empresariais exigiriam competências que incluem entrega ao trabalho, transformando em habilidade profissional aquilo que antes estava restrito ao campo do comportamento e da vida social e comercializando o que até então estava no campo da subjetividade.

No mundo conexcionista, é preciso mostrar-se maleável, adaptável, capaz de “tratar sua própria pessoa como um texto que poderia ser traduzido para diferentes línguas” (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009, p. 466). Essas qualidades seriam exigidas para a participação em redes, ambiente em que a permanência ou o apego duradouro a valores são considerados “rigidez inconveniente e até patológica e, segundo os contextos, como ineficiência, impolidez, intolerância, incapacidade para comunicar-se” (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009, p. 466).

Assim, comunicar-se é uma das bases fundamentais das novas capacidades no capitalismo informacional, em que a rede de trabalho é a rede de comunicação entre pessoas. Além disso, há permanente tensão entre engajar-se completa e apaixonadamente em um projeto – “se doando ao trabalho” – e, ao mesmo tempo, manter-se disponível para estabelecer novos elos em redes que se formam a partir de projetos, fazendo de todas as relações em rede necessariamente uma ligação temporária. Qualidades mais ligadas ao caráter do indivíduo tornam-se critério de seleção, e características como abertura, autocontrole, disponibilidade e bom humor passam a ser consideradas necessárias como “competências relacionais” e “aptidão para comunicação” (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009, p. 267).

Em tal mundo [o conexãoista], é no mínimo problemática a possibilidade de encontrar equilíbrio entre a permanência de si mesmo, sempre ameaçada de rigidez, e a adaptação constante às exigências da situação, com o risco de dissolução completa no tecido dos elos transitórios. (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009, p. 467)

Nesse cenário, a identidade é constituída, como afirmam os autores, no momento da conexão, o que se exemplificaria no uso que os sujeitos contemporâneos fazem das redes sociais, como se discutirá a seguir.

Redes sociais como incorporação do novo espírito do capitalismo

Como exposto até aqui, as redes aparecem em Boltanski e Chiapello (2009) como formas de dar materialidade ao novo espírito do capitalismo. Da mesma maneira que eles observam a adoção, na sociologia, do termo “rede”, cabe registrar o deslocamento da expressão “comunidades virtuais” – cunhada em 1993 por Howard Rheingold – para redes sociais. Num primeiro momento, as comunidades virtuais se formavam em BBSs (Bulletin Board System), fóruns e listas de discussão. Na web 2.0,³ esse tipo de comunicação foi ampliada, e as comunidades se transformaram em redes sociais constituídas em torno de sites de relacionamento, cujas principais características são a possibilidade de construir um perfil, a interação entre usuários por meio de comentários e a exposição da rede de relacionamentos de cada usuário (RECUERO, 2008). As redes sociais seriam uma forma específica de estabelecer relações sociais on-line, porque facilitariam a manutenção dos laços existentes no mundo off-line – se é que, como questiona Manovich (apud CABRAL, 2009), essa distinção ainda se justifica.

Nas redes sociais no ciberespaço, há um processo permanente de construção e de expressão de identidade que, em contínua transformação, se adaptaria ao modelo do trabalhador a que Sennett (2003) se refere, cujas características e competências estão em constante renovação. Nessas redes sociais estariam em jogo valores como visibilidade, reputação, popularidade e autoridade (RECUERO, 2008). Usuários de uma rede social como o Facebook, por exemplo, criam um perfil – que lhes confere visibilidade –, adicionam amigos, ação que está associada a reputação e popularidade, e adquirem autoridade a partir dos comentários e conexões que podem exibir. Ao mesmo tempo, o usuário do Facebook pode atualizar seu status por qualquer computador ou mesmo por dispositivos móveis com acesso à internet, inclusive com envio de fotos, e reunir em seu perfil um conjunto de links e referências importadas automaticamente, via RSS, de blogs, sites de fotos e de vídeos, além do compartilhamento de músicas.

Essa lógica de agregação promoveria a convergência, para um só lugar, de todas as informações e referências do sujeito, que apareceria não mais apenas como produtor

³ Web 2.0 é o termo cunhado por Tom O'Reilly para uma fase da internet, iniciada nos anos 2000, cuja principal característica é o trabalho colaborativo em diversas áreas, como conteúdo e aplicações.

de sua escrita, mas como referência a outros objetos – textos que escreve ou lê, músicas, fotos –, que serviriam para defini-lo. Essa reunião demonstraria a seguinte afirmação de Sibilia (2008, p. 35): “[...] as escritas de si constituem objetos privilegiados quando se trata de compreender a constituição do sujeito na linguagem (ou nas linguagens) e a estruturação da própria vida como um relato – seja escrito, audiovisual ou multimídia”. Nas redes sociais, essa escrita de si torna-se ainda mais aberta, porque os sujeitos apresentariam narrativas de si a partir do apontamento de links que vão defini-lo como alguém capaz de se constituir *como uma rede*, ou seja, maleável, adaptável e, sobretudo, configurável a partir das conexões que estabelece.

Ser ou estar em rede torna-se não apenas um valor em si mesmo, mas também a demonstração de capacidades pessoais desejáveis no mundo do trabalho. Segundo pesquisa da Digital Jobs (apud GUIMARÃES, 2009), as empresas de recrutamento vão aumentar o uso de redes sociais nos próximos anos.⁴ Essa pesquisa entrevistou diretores da área de recursos humanos e funcionários de grandes e médias empresas. O estudo mostra que 82% acreditam que as redes sociais são uma ótima maneira de encontrar emprego e que 92% dos profissionais estão presentes nas redes sociais. Curiosamente, apenas 5% foram contratados por intermédio dessas redes, mas a pesquisa aponta que esse percentual deve chegar a 20% até 2011.

Desde Foucault se pode pensar formas de controle biopolítico a partir dos novos modos de produção, em que o mercado torna-se instância máxima e homens e mulheres tornam-se “empreendedores de si mesmos”, como busquei demonstrar no uso das redes sociais associadas à mercantilização das amizades e dos afetos. Muito antes dessas novas tecnologias, Foucault já apontava para as exigências de potencialização de habilidades e capacidades profissionais a fim de reforçar a competitividade e a empregabilidade, o que estaria em consonância com as afirmações de Eduardo Andrés Viser e Helenice Carvalho (2009). Na saída do modo de produção fordista, criou-se um paradigma de trabalho eminentemente comunicativo e informacional, em que os requisitos profissionais são as competências pessoais e sociais, a manipulação de tecnologias e o processo de busca e interpretação de informações permanentes. Os autores propõem uma perspectiva em que os trabalhadores do capitalismo informacional devem aprender a desdobrar-se em dois papéis: um relacionado ao mundo exterior, no qual eles devem se apresentar como atores sociais, e um segundo papel, que diz respeito à dimensão subjetiva e a uma consciência de si mesmo. “A ‘produção’ da própria pessoa é uma condição imprescindível para participar do processo de produção social. É uma *forma de produção autointer-referencial*”

⁴ Um bom exemplo do uso de redes sociais para recrutamento profissional está em “How to: Use Facebook for Professional Networking”, com dicas de uso da rede para contatos profissionais dadas por Boris Epstein, especialista em recrutamento, que conclui suas sugestões: “Embora o Facebook tenha sido construído como uma rede social e a maioria das pessoas vá tratá-lo como tal, há uma grande quantidade de valor profissional que pode ser adquirida lá”. Disponível em: <<http://mashable.com/2009/08/14/facebook-networking/>>. Acesso em: 4 jan. 2010.

(VISER; CARVALHO, 2009, p. 67). As redes sociais seriam exemplos de instrumentos que propiciam esse processo de produção social a que os autores se referem.

Compressão espaço-tempo

Outra questão importante no *novo espírito do capitalismo* é o que David Harvey (2001) chama de compressão espaço-tempo. Para o autor, no capitalismo informacional, volatilidade e velocidade passam a marcar a vida social. Ele se refere à compressão espaço-tempo para indicar processos que obrigam as pessoas a lidar com “a descartabilidade, a novidade e as perspectivas de obsolescência instantânea” e fazem da volatilidade uma máxima que se espalha do universo do trabalho para a cultura. Segundo Harvey (2001, p. 259), “Hoje é tão importante aprender a trabalhar com a volatilidade quanto acelerar o tempo de giro. Isso significa ou uma alta adaptação e a capacidade de se movimentar com rapidez em resposta a mudanças de mercado, ou o planejamento da volatilidade”. Se, no modo de produção fordista, o trabalho se dava em tempo lógico e subsequente, no capitalismo informacional há uma afirmação do presente. Marilena Chaui (2004, p. 151) resume as ideias de David Harvey sobre essa exigência permanente:

A fragmentação e a globalização da produção econômica engendram dois fenômenos contrários e simultâneos: de um lado, a fragmentação e dispersão espacial e temporal e, de outro, sob os efeitos das tecnologias de informação, a compressão do espaço – tudo se passa aqui – sem distâncias, diferenças nem fronteiras – e a compressão do tempo – tudo se passa agora, sem passado e sem futuro.

Tomando do sociólogo John Urry a expressão trabalho *just in time*, Manuel Castells (1999, p. 464) observa como flexibilidade se associa principalmente a formas de gerenciamento do tempo: “Há necessidade de mão de obra qualificada para gerenciar seu tempo de maneira flexível, algumas vezes acrescentando mais horas de trabalho, outras se adaptando a cronogramas flexíveis, em alguns casos com redução de horas de trabalho e, conseqüentemente, de salário”. Do ambiente profissional, essa nova experiência de tempo se expande para a vida social, criando o que o autor chama de eterno presente, conforme a descrição a seguir:

Esse tempo linear, irreversível, mensurável e previsível está sendo fragmentado na sociedade em rede, em um movimento de extraordinária importância histórica. No entanto, não estamos apenas testemunhando uma relativização do tempo de acordo com os contextos sociais ou, de forma alternativa, o retorno à reversibilidade temporal, como se a realidade pudesse ser inteiramente captada em mitos cíclicos. A transformação é mais profunda: é a mistura de tempos para criar um universo eterno que não se expande sozinho, mas que se mantém por si só, não cíclico, mas aleatório, não recursivo, mas incursor: tempo

intemporal, utilizando a tecnologia para fugir dos contextos de sua existência e para apropriar, de maneira seletiva, qualquer valor que cada contexto possa oferecer ao presente eterno. (CASTELLS, 1999, p. 460)

Para o autor, essa nova experiência de tempo se expandiria do ambiente do trabalho para a vida social, criando esse eterno presente. Castells mostra as consequências, na economia e na sociedade, da instituição, pela primeira vez, de um mercado financeiro global, que funciona em “tempo real” e impõe à lógica da produção econômica a compressão de tempo nas operações. Zigmunt Bauman (2004) aponta para a valorização radical da instantaneidade, que mudaria as formas de convivência, relacionando o anseio pela instantaneidade com a busca pela proximidade das fontes de incerteza. Num certo sentido, aquilo que era verdade apenas no mercado financeiro – quanto mais bem informado você estiver, menos risco corre – estaria se transformando numa máxima global.

Bauman (2004, p. 81) também aponta para a desterritorialização, que ele associa ao crescente uso dos telefones móveis: “Os celulares assinalam, material e simbolicamente, a derradeira libertação em relação ao lugar”. Instantaneidade e desterritorialização, esta última associada à alteração das percepções de tempo e espaço, seriam desdobramentos das exigências de flexibilidade e se articulariam com a expansão do uso da web em dispositivos móveis, um sinal de aprofundamento das exigências de respostas em “tempo real” e indicação de sua disseminação do campo do trabalho para a cultura.

Dispositivos móveis e a adesão à flexibilidade

O ponto de partida aqui serão as afirmações de André Lemos (2006; 2007), para quem os dispositivos móveis são “a ferramenta mais importante de convergência midiática hoje” (LEMOS, 2007, p. 1). Com a internet acessível pelo celular, a rede e todos seus serviços tornam-se móveis. Desde a incorporação, pelos telefones, de uma gama variada de funções proporcionadas pelo acesso à internet, os aparelhos se tornaram também possibilidades de estado de conexão permanente, dentre as quais se destacam: compartilhar dados em redes sociais, enviar e receber fotos em tempo real, saber o melhor trajeto no trânsito e ler notícias em “tempo real”.

No final de 2008, havia quatro bilhões de telefones celulares no mundo, o que não quer necessariamente dizer um aparelho por pessoa, porque se estima que 700 milhões de usuários tenham mais de um. O Brasil encerrou o ano de 2009 com 173,96 milhões, o que aproxima o país da condição de um celular por habitante⁵ e o mantém em sexto lugar no mercado mundial de telefonia móvel e o primeiro lugar na América Latina (CASTELLS,

⁵ Dados divulgados pela Anatel e disponíveis em: <<http://oglobo.globo.com/economia/mat/2010/01/19/mercado-celular-do-brasil-adiciona-23-milhoes-de-linhas-em-2009-915561614.asp>>. Acesso em: 23 jan. 2010.

2007, p. 34). Em 2004, Castells registrava índice de penetração de 36,3 aparelhos por cem habitantes. Em 2008, dados da Anatel informavam que esse índice já era de 78,1 aparelhos por cem habitantes, ou seja, crescimento de 100% em apenas quatro anos.

Como dispositivo de múltiplos usos, o telefone celular tem servido cada vez mais de suporte para convergência de mídia, potencialidade que o tem tornado alvo de investimentos por parte da indústria. Há previsões de que, em 2020, os dispositivos móveis serão o maior meio de acesso à internet (ANDERSON; RAINIE, 2008). A pesquisa informa que, no final de 2007, 11% dos telefones já contavam com acesso à internet, percentual que deveria crescer para 15% no final de 2008. Nos Estados Unidos, entre janeiro e julho de 2008, foram vendidos nove milhões de aparelhos celulares inteligentes, o que registra crescimento de 71% nos negócios (THE NPD, 2008) em relação ao mesmo período do ano anterior⁶ e maior percentual de aumento de vendas no mundo. É a chamada revolução wi-fi, que intensifica e valoriza o estado permanente de conexão e tem impulsionado a expansão do domínio móvel – sites navegáveis pelo protocolo *m*. O mundo conexionista de Boltanski e Chiapello (2009) se livra das restrições impostas pelos computadores e se expande para a palma da mão.

As tecnologias móveis, ainda seguindo Lemos (2006), impulsionariam e aprofundariam configurações sociais, como os controles informacionais e a flexibilidade social, que se estenderiam a papéis menos rígidos e a lugares sociais intercambiáveis. O autor usa como exemplo um executivo que esteja em constante mobilidade em razão de viagens profissionais, mas permanentemente controlado pelo celular ou pelo notebook conectado à internet, de modo que a mobilidade e a flexibilidade se articulem a mecanismos de controle. Castells (2007) usa o exemplo do representante de vendas, função que durante muito tempo esteve associada à liberdade. Hoje esse profissional viaja controlado por dispositivos móveis, e a lógica da métrica passou do relógio de ponto da fábrica para a tela do computador ou do telefone celular.

No que diz respeito às rotinas de trabalho, Castells (2007, p. 131) observa que uma das principais funções dos dispositivos móveis é a “possibilidade de comprovação”, ou seja, de “instrumento de controle”. Supervisores podem controlar seus funcionários não apenas durante o expediente, mas exigir total disponibilidade, sete dias por semana, 24 horas por dia. Também se pode controlar a execução de determinadas tarefas, a partir de mecanismos de localização que rastreiam a presença do trabalhador em determinados lugares. O uso dos dispositivos móveis no mundo do trabalho se articula com os anseios de flexibilidade a que diversos autores se referem: “A repulsa à rotina burocrática e a busca da flexibilidade produziram novas estruturas de poder e controle, em vez de criarem condições que nos libertem” (SENNETT, 2003, p. 54).

⁶ No Brasil, as operadoras de telefonia estimavam alcançar a base instalada de 800 mil smartphones até o final de 2008 (IDG, 2009). O número ainda é percentualmente insignificante, mas chamam atenção as taxas de crescimento, pois eram apenas 300 mil usuários em dezembro de 2007.

Valores como instantaneidade, desterritorialização e entrega voluntária a mecanismos de controle se expandem do campo do trabalho e se disseminam para a vida privada. A vigilância, que na sociedade disciplinar de Michel Foucault era exercida por poucos sobre muitos, torna-se entrega voluntária aos mecanismos de vigilância, e o panóptico se desloca para o sinóptico, tal qual pensado por Zigmunt Bauman (1999, p. 60): “O panóptico *forçava* as pessoas à posição em que podiam ser vigiadas. O sinóptico não precisa de coerção – ele *seduz* as pessoas à vigilância”.

O estado de conectividade permanente, ou hiperconectividade, promoveria uma entrega voluntária à vigilância (RODRIGUES, 2008), concretizando as previsões de Gilles Deleuze (1992, p. 224) para a sociedade de controle: “Não há necessidade de ficção científica para conceber um mecanismo de controle que dê, a cada instante, a posição de um elemento em espaço aberto, animal numa reserva, homem numa empresa (coleira eletrônica)”, dizia o filósofo muito antes do lançamento do Google Latitude,⁷ rede social que sintetizaria diferentes exigências do capitalismo informacional, combinando formas de sociabilidade com um sistema de localização e controle.

Há um comercial da operadora de telefonia celular TIM,⁸ em campanha publicitária que tem como assinatura a frase “TIM – você sem fronteiras”, que demonstra bem aquilo que diz Safatle sobre a impossibilidade de separação do atendimento a normas da transgressão a essas normas. Diz o comercial:

Alguma coisa está acontecendo – um homem negro com nome muçulmano é presidente dos Estados Unidos. O prêmio de melhor jogador do mundo é de uma jogadora. O papa está fazendo sermões pela internet. O prêmio de melhor filme foi dado a um filme produzido na Índia. E qualquer pessoa pode carregar sua própria rede. As fronteiras estão se abrindo. É isso que está acontecendo. E toda banda larga será inútil se a mente for estreita. É tempo de mentes sem fronteiras.

O filme se vale de uma série de conquistas inovadoras – a eleição de um negro para presidência dos Estados Unidos, a valorização das mulheres, o uso da internet por uma instituição conservadora como a igreja, a emergência de culturas orientais e seu reconhecimento – para associá-las ao uso de redes sociais, que ganham imediatamente o mesmo valor de transgressão que já tiveram os movimentos de mulheres, de negros, e o desenvolvimento de softwares livres que sustentaram o surgimento e o crescimento da internet.

⁷ Disponível tanto na web como para usuários de celular com acesso à internet, o aplicativo funciona associado ao Google Maps mobile e permite que, uma vez cadastrados como seus amigos, sua rede de relacionamento saiba exatamente onde você está. A localização é informada pela triangulação das antenas do celular e o *status* de um usuário nessa rede social é sua localização em um mapa, que também pode ser publicado em seu site pessoal, blog, no GTalk, sistema de mensagens instantâneas do Gmail, ou perfil no Orkut, de modo que a informação da localização esteja sempre disponível. Disponível em: <http://www.google.com/intl/pt-BR_br/latitude/intro.html>. Acesso em: 7 dez. 2009.

⁸ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=bM9kodNCNJE>>. Acesso em: 18 de set. 2010.

O filme associa a libertação das fronteiras físicas às conquistas sociais dos recentes movimentos de emancipação. Mobilidade, flexibilidade e liberdade seriam os valores com os quais a propaganda pretende conquistar os sujeitos para a adesão ao consumo. “Você sem fronteiras” apela principalmente a uma ideia de liberdade territorial, e aqui cabe retomar Safatle (2008, p. 141), quando ele afirma que “a desterritorialização à qual os objetos estão submetidos no processo de valoração econômica do capital está imposta também aos sujeitos”.

Se pensados como dispositivos de controle, os aparelhos celulares cumprem aquilo que Safatle afirma e absorvem multiplicidade, flexibilização e diferença em sua dinâmica, exposta exemplarmente nas campanhas publicitárias que os oferecem como instrumentos de configuração de si: disponíveis, conectados, flexíveis, livres de fronteiras territoriais ou temporais.

Considerações finais

Este artigo apontou para a incorporação, na cultura, dos principais valores do capitalismo informacional, que pode ser exemplificada tanto no uso das redes sociais como no crescente uso da web em dispositivos móveis. Nas redes sociais, elos afetivos se misturam a relações úteis, e as formas de sociabilidade privilegiariam competências que passaram a ser exigidas do trabalhador no capitalismo informacional. A expansão do uso da web em dispositivos móveis promove o estado de conexão permanente, que impulsiona a adesão aos novos valores e articula o ideal de servidão voluntária aos instrumentos de controle, paradoxo máximo da flexibilidade exigida no capitalismo informacional.

Pensando no deslocamento de uma sociedade disciplinar para uma sociedade de controle, tal qual descrita por Deleuze (1992), Safatle (2008, p. 135) diz que o poder disciplinar tem sido possível pela internalização de tipos ideais. Assim, os imperativos de maleabilidade e de flexibilização, que têm origem no fim da especialização e na hegemonia do trabalho em rede, tornam-se fundamentais, por “permitirem aos sujeitos desenvolverem disposições de conduta em situação de instabilidade normativa, de fluidez entre ordem e desordem e de contínua reengenharia” (SAFATLE, 2008, p. 139). Safatle (2008, p. 144) destaca ainda que, na ausência de instituições normativas, o que se tem são “dispositivos de controle que absorvem, no interior de sua própria dinâmica, a multiplicidade, a flexibilização e a diferença”.

Como mostra o autor, a crítica social passa a afirmar as condições do capitalismo informacional como potencialmente emancipadoras, ou seja, a incorporação das exigências do capitalismo informacional à vida social aparece como benefício e oportunidade. Valores como flexibilidade, destemporalização, desterritorialização e autonomia passam a ser cultivados como parte da construção de uma nova e bem-vinda subjetividade. Repete-se, assim, o que já aconteceu com os valores puritanos – modo de vida frugal, recusa deliberada ao consumo e ao prazer imediato e adesão ao trabalho como vocação para a maior glória de Deus –, que estabeleceram afinidades eletivas

com o “espírito” capitalista e foram fundamentais para o sucesso da disseminação desse modo de produção.

Ao apresentar algumas hipóteses de articulação do capitalismo informacional com a crescente informatização das relações sociais e da comunicação, cada vez mais mediada por computadores e outros artefatos tecnológicos (LYOTARD, 2000), este artigo propõe uma reflexão sobre o que faz com que as exigências do capitalismo informacional estejam se integrando às práticas pessoais, afetivas e sociais, de modo que aquilo que já foi exigência opressiva do capital esteja ganhando valor na cultura. Pretende, assim, ecoar as afirmações de Safatle (2008), para quem a crítica ao capitalismo informacional tende a ser apenas a afirmação de que as condições de estabelecimento do capitalismo informacional são carregadas de forte potencial emancipador. São?

Referências

ANDERSON, Janna Quitney; RAINIE, Lee (2008). The future of the Internet III. Disponível em: <http://www.pewinternet.org/~media/Files/Reports/2008/PIP_FutureInternet3.pdf>. Acesso em: 7 dez. 2009.

BAUMAN, Zigmunt (1999) *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève (2009). *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: Martins Fontes.

CABRAL, Rafael (2009). Para Lev Manovich, falar em "cibercultura" é negar a realidade. Disponível em: <http://blog.estadao.com.br/blog/link/?title=para_lev_manovich_falar_em_cibercultura&more=1&c=1&tb=1&pb=1>. Acesso em: 2 nov. 2009.

CASTELLS, Manuel (1999). A era da informação: economia, sociedade, cultura. In: _____. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra.

_____. (2004). *A galáxia da internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. (2007). *Comunicación móvil y sociedad. Una perspectiva global*. Madri: Ariel/Fundación Telefónica. Disponível em: <<http://www.eumed.net/libros/2007c/312/indice.htm>>. Acesso em: 5 dez. 2009.

CHAUÍ, Marilena (2004). Fundamentalismo religioso: a questão do poder teológico-político. In: NOVAES, Adauto. *Civilização e barbárie*. São Paulo: Companhia das Letras.

DELEUZE, Gilles (1992). *Conversações*. São Paulo: Editora 34.

GUIMARÃES, Gilberto (2009). As empresas de recrutamento vão selecionar cada vez mais pelas redes sociais. Disponível em: <<http://vocesa.abril.com.br/noticias/empresas-recrutamento-selecionam-cada-vez-mais-pelas-redes-sociais-500940.shtml>>. Acesso em: 7 dez. 2009.

HARVEY, David (2001). *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 10. ed. São Paulo: Loyola.

INTERNATIONAL DATA GROUP – IDG. Disponível em: <<http://idgnow.uol.com.br/telecom/2007/07/24/idgnoticia.2007-07-24.4808755460/>>. Acesso em: dez. 2009.

LEMOS, André (2006). Ciberespaço e tecnologias móveis: processos de territorialização e desterritorialização na cibercultura. *Razón y palabra*, México, n. 52. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/territorio.pdf>>. Acesso em: 5 dez. 2009.

_____. (2007). Comunicação e práticas sociais no espaço urbano: as características dos dispositivos híbridos móveis de conexão multirredes (DHMCM). *Comunicação, mídia e consumo*, São Paulo, v. 4, n. 10, p. 23-40.

LYOTARD, Jean François (2000). *A condição pós-moderna*. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

THE NPD Group: smartphones represent 19 percent of all handsets sold to consumers in the U.S. 2008. Disponível em: <http://www.npd.com/press/releases/press_080908.html>. Acesso em: dez. 2009.

RECUERO, Raquel (2008). *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina.

RODRIGUES, Carla (2008). O que você está fazendo agora? Três contribuições para o debate sobre microblogs. *Revista Alceu*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 8. jan./jun. Disponível em: <http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from_info_index=9&infoid=329&sid=30>. Acesso em: 5 dez. 2009.

SAFATLE, Vladimir (2008). *Cinismo e falência da crítica*. São Paulo: Boitempo.

_____. (2009). Sobre a potência política do inumano: retornar à crítica ao humanismo. In: NOVAES, Adauto (Org.). *A condição humana: as aventuras do homem em tempos de mudanças*. São Paulo/Rio de Janeiro: SescSP/Agir.

SENNETT, Richard (2003). *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Record.

_____. (2006). *A cultura do novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record.

SIBILIA, Paula (2008). *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

VISER, Eduardo Andrés; CARVALHO, Helenice (2009). Comunicação, trabalho e subjetividade: notas sobre capitalismo informacional, economia política e comunicação. In: BRITTOS, Valério (Org.). *Digitalização e práticas sociais*. São Leopoldo: Unisinos.

WEBER, Max (2004). *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*. Edição de Antonio Flavio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras.

CARLA RODRIGUES, mestre e doutoranda em Filosofia (PUC-Rio), é professora agregada do Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio, onde também trabalha como editora do Portal PUC-Rio Digital (www.puc-rio.br/puc-riodigital). É pesquisadora do Núcleo de Estudos sobre Ética e Desconstrução (PUC-Rio) e do Khôra – laboratório de filosofias da alteridade (UFRJ). É autora, entre outros, de *Coreografias do feminino* (Editora Mulheres, 2009) e organizadora de *Jornalismo on-line: modos de fazer* (PUC-Rio/Sulina, 2009).

carla@puc-rio.br

Artigo recebido em julho de 2010
e aprovado em setembro de 2010.